

Editorial Perspectivas - Volume 5, número 1 - 2020

O novo volume da revista *Perspectivas*, que ora vem a lume, prossegue no desafio de consolidação da publicação, mostrando a diversidade das colaborações e das investigações filosóficas dos vários grupos, estudiosos e programas de pós-graduação na área de Filosofia no Brasil. Neste volume apresentamos seções dedicadas a artigos, ensaios e traduções que ilustram a situação acima descrita.

No entanto, cabe referir que este período em que a revista é lançada é um momento excepcional e de situações inéditas. O ano de 2020 apresenta-se como um daqueles dramáticos da história da humanidade, com a pandemia da covid-19 redefinindo a convivência social e com amplas repercussões econômicas, políticas e sanitárias. Ela incitou a remanejamentos na vida normal e cotidiana dos seres humanos e cidadãos, provocando reflexões de médicos, infectologistas, sociólogos, economistas, políticos e de filósofos, com análises que vão da explicação biológica do surgimento do vírus, e consequente pandemia, até reflexões sobre formas novas de controle biopolítico da população e de formas inéditas de controle social.

Um dos desafios fundamentais para pesquisadores e estudiosos em geral, neste contexto, foi a manutenção das investigações e colaborações, e também as publicações acadêmicas, enfrentando o isolamento social, o medo da contaminação desenfreada e a perspectiva de morte iminente, reforçada por condições adversas de saúde pública em um país como o Brasil. É neste cenário, não tão alvissareiro, que publicamos este novo número da revista *Perspectivas*, reforçando o empenho do corpo editorial e do Colegiado de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins em manter, apesar das vicissitudes e das adversidades, a regularidade na produção acadêmica e das reflexões filosóficas de um projeto contínuo de efetivação da filosofia na região Norte do país.

O volume inicia com a seção de artigos, na qual temos o primeiro, intitulado *Metafísica empírica ou empirismo radical: Bergson e a superação fenomenológica do intelectualismo representacionista*, de autoria de João Batista Magalhães Prates que almeja descrever, de maneira sucinta, o método bergsonista, sugerindo aproximações entre o bergsonismo e a fenomenologia naquilo que se propõe um “empirismo radical”, ao mesmo tempo que demonstra a sua superação ao encaminhar-se do fenomênico ao real, do para si ao em si. Aponta que, o bergsonismo, na busca da realidade em si mesma, descortina uma realidade ampliada para além dos quadros do intelectualismo clássico, ombreando as pesquisas surrealistas do romantismo e da Escola de Frankfurt. Explicita que o bergsonismo soma-se a eles na crítica à razão instrumental, entendida como o todo das possibilidades da razão, concepção racionalista

herdada da modernidade positivista que, em última instância, reifica o mundo natural e opõe ser humano e natureza de forma radical. A ideia nuclear é que a superação deste estreitamento da razão resolverá não só problemas teóricos da História da filosofia, pois a aposta de Bergson é que fazê-lo significará a um só tempo elevar o padrão moral da humanidade.

Depois temos o artigo *Em defesa da matemática*, de Wesley Barbosa, no qual o autor faz uma defesa da matemática, em especial, da matemática pura. Partindo de problemas colocados por Kant, seguindo por indagações promovidas por Leibniz, e atormentados pela desconexão estrutural entre a linguagem humana natural e o mundo, elencada pelo debate da Filosofia da Linguagem promovida pela Tradição Analítica, o autor almeja realizar uma investigação no sentido de procurar um conhecimento que fosse essencialmente *a priori*. Ressalva que, apesar do projeto logicista de Frege, ainda não foi possível uma linguagem totalmente artificial que expressasse o mundo sem suas ambiguidades. Contudo, afirma haver pistas indicando que a matemática pura, que tem como substrato a lógica, é uma linguagem formal poderosamente capaz de construir axiomas.

No último artigo, Frank Alexandre Rosa Freitas, no texto *Sócrates, Hadot e os exercícios espirituais*, aponta a importância vital do diálogo socrático e, em especial, mostra a figura de Sócrates na construção da tese dos exercícios espirituais de Pierre Hadot e a transformação/construção ética do sujeito ante a condição frágil e vulnerável do ser humano. A interpretação que Hadot faz da figura de Sócrates e da filosofia antiga é enfatizada no texto. Apresenta, como problema filosófico e opção interpretativa diversa à visão de Hadot, a leitura de Vlastos, comparando o Sócrates mítico e o histórico. Mostra como Sócrates torna-se o mediador entre o ideal transcendente de sabedoria e a realidade ética humana concreta.

A seguir, o ensaio *É possível fazer física sem filosofar?!*, de Vinícius Carvalho da Silva, questiona em que medida é possível fazer física sem filosofar, apresentando a concepção de que a história da física revela que, em todos os tempos, os grandes acontecimentos no interior do campo foram protagonizados por cientistas que não dissociavam a atividade física e filosófica, explicitando a consideração de que a análise filosófica é um pressuposto epistêmico da produção do conhecimento científico.

A seção de traduções fecha o número, apresentado primeiro a tradução do texto de Jean-Jacques Rousseau, *Carta sobre a virtude e a felicidade*, a cargo de João Vitor Rebech. A referida Carta aparece no post-scriptum do último livro publicado pelo eminente estudioso do filósofo genebrino, Jean Starobinski, intitulado “Accuser et Séduire. Essais sur Jean-Jacques Rousseau” (2012). Não se trata de uma carta inédita, mas de uma carta, até então, pouco conhecida pelos pesquisadores. Ela havia sido publicada pela primeira vez pelo editor Paul

Streckeisen-Moultou, em 1861, sob o título “Lettres sur la vertu et le bonheur”. Rousseau, no texto, a partir de seu método hipotético dedutivo, insiste sobre a ordem civil, como na obra “Contrato social”, e menos sobre o estado de natureza, a fim de responder como a virtude e a felicidade estariam ligadas a sociabilidade.

Uma outra tradução é apresentada, de autoria de Monique Farhi e Leon Farhi Neto. O texto é *A experiência do método*, da professora da Universidade de Montpellier, Caroline Blanvillain. Nele a autora advoga, a partir do título estabelecido, que o termo ‘método’ está no coração da filosofia de François Soulages. Afirma que pensar a partir da filosofia de Soulages é pensar o método. Apresenta que, no livro coletivo *Fotografia e Inconsciente*, dirigido pelo autor há trinta anos, são atribuídas três qualidades à filosofia: ela deve ser ao mesmo tempo existencial, crítica e conceitual. Essas qualidades são os fundamentos do método.

Que este número seja de bom proveito e que estimule fecundas reflexões e debates!
Desejamos uma boa leitura!

Editores da Perspectivas
Palmas - TO, Julho/2020